

AS REPRESENTAÇÕES DE RONDÔNIA NA FOLHA DE SÃO PAULO (2008-2018)

The representations of Rondônia in Folha de São Paulo (2008-2018)

Las representaciones de Rondonia en la Folha de São Paulo (2008-2018)

Jéssica Meireles da Silva, Universidade Federal de Rondônia¹

Sandro Adalberto Colferai, Universidade Federal de Rondônia²

RESUMO

O artigo apresenta discussão sobre o modo de representação do Estado de Rondônia, este parte da Amazônia brasileira, pelo jornal Folha de São Paulo ao longo de uma década, entre os anos de 2008 e 2018. Para isso analisamos os enquadramentos feitos pelo jornal a fim de identificar como o jornal angula os temas de seus conteúdos quando trata de assuntos relacionados a Rondônia. Ao fim são categorizados os conteúdos e analisado como, no conjunto, é apresentada uma imagem sobre o que é Rondônia nas páginas da Folha de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Representação; Amazônia; Rondônia, Folha de São Paulo.

ABSTRACT

The article presents a discussion on the representation of the State of Rondônia, this part of the Brazilian Amazon, by the newspaper Folha de São Paulo over a decade, between the

¹ Bacharel em *Jornalismo* pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Membro do COMtatos, Grupo de Pesquisa em Espaços e Temporalidades Comunicacionais (UNIR/CNPq).

² Doutor em *Sociedade e Cultura na Amazônia*, mestre em *Comunicação Social*, professor de *Jornalismo* na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Líder do COMtatos, Grupo de Pesquisa em Espaços e Temporalidades Comunicacionais (UNIR/CNPq).



DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2526-8031.2020v4n2p202>

years 2008 and 2018. For that, it analyzes the framings made by the newspaper in order to identify how the newspaper angles the themes when dealing with subjects related to Rondônia. At the end, the contents are categorized and analyzed as, as a whole, an image of what Rondônia is presented on the pages of Folha de São Paulo.

KEYWORDS: Journalism; Representation; Amazon; Rondônia, Folha de São Paulo.

RESUMEN

El artículo presenta una discusión sobre la representación del Estado de Rondônia, esta parte de la Amazonía brasileña, por el periódico Folha de São Paulo durante una década, entre los años 2008 y 2018. Para ello, analiza los encuadres realizados por el periódico para identificar cómo el periódico enfoca los temas cuando se trata de temas relacionados con Rondônia. Al final, los contenidos se clasifican y analizan como, en su conjunto, una imagen de lo que Rondônia se presenta en las páginas de Folha de São Paulo.

PALABRAS CLAVE: Periodismo; Representación; Amazonas; Rondônia, Folha de São Paulo.

Recebido em: 12.02.2020. Aceito em: 14.04.2020. Publicado em: 01.05.2020.

Introdução

A Amazônia e, conseqüentemente, o Estado de Rondônia estão cercados por narrativas que lhes apresentam como repositórios de recursos naturais e cheio de riquezas e mistérios (GONÇALVES, 2001). Os meios midiáticos relacionam os espaços amazônicos à ideia da natureza, dos índios selvagens e de uma terra de tesouros, reafirmando imagens estereotipadas persistentes desde a colonização portuguesa que excluem a diversidade humana, social e cultural desta região (COLFERAI, 2009).

Segundo Gonçalves (2001) temos presente nestas imagens a visão externa realizada pelos não habitantes da Amazônia, o que é comumente reforçado pelas narrativas midiáticas organizadas por não-amazônidas, ignorando as particularidades dos que vivem na região. Trata-se de abordagem que vai de encontro com a complexidade dos espaços amazônicos, estes complexos e diversificados (GONÇALVES 2001, p.9). A

formação deste espaço aconteceu da mistura de vários sujeitos sociais que apresentam culturas variadas, que precisam ser mencionados e ouvidos quando se refere à Amazônia, pois a região não é vazia de gente (2001) como muitas narrativas dos de fora apontam. Também não é construída somente pelas populações ribeirinhas, indígenas e seringueiros que são relacionados à imagem de selvagens e atrasados.

Além disso, é importante entender que devido a essa mistura de sujeitos sociais, não temos somente um ponto de vista dos de dentro do que é Amazônia. De acordo com Gonçalves (2001) a heterogeneidade das pessoas que vivem dentro dos espaços amazônicos apresenta diversas culturas. Estes diferentes sujeitos têm a sua própria realidade e modo de viver, ou seja, estas diferentes pessoas têm a sua própria maneira de ver a região amazônica. Não temos somente uma imagem da Amazônia, mas várias (GONÇALVES, 2001,

p. 10), de modo que há diversas representações do que é a Amazônia.

Partindo deste pressuposto, o objetivo principal deste trabalho é identificar qual a representação social realizada pelo jornal *Folha de São Paulo* sobre o Estado de Rondônia durante os anos de 2008 a 2018. Com isso aciona-se um dos principais jornais do país, que tem cobertura de todos os Estados brasileiros e é consumido em todo o país, ao mesmo tempo em que particulariza-se um espaço amazônico na abordagem proposta. Para isso, o foco está sobre temas que são relacionados a Rondônia nas matérias publicadas pela Folha de São Paulo através do método da Análise Temática, tal como aplicada por Florência (2018): a partir das leituras de matérias sobre Rondônia publicadas ao longo de uma década aponta-se os temas destes textos; analisa-se o modo como estes temas foram tratados, por meio do enquadramento feito no jornal; e aponta-se os marcadores textuais que constroem a narrativa sobre Rondônia. No total

foram analisadas 517 matérias sobre o estado de Rondônia publicadas durante os anos de 2008 a 2018 no jornal Folha de São Paulo digital.

Representação social: Jornalismo e Amazônia

Uma representação é a imagem mental, a ideia que fazemos sobre alguma coisa e que atribuímos a uma imagem. Ou seja, iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem. Assim, a representação é a ideia e a imagem que temos sobre as coisas no mundo (MOSCOVICI, 2000). Ou seja, é o que sabemos da realidade em que vivemos, assim, trata-se da interpretação do existente. Então é a partir das interpretações que se categorizam as coisas para identificá-las, ou seja, determinam o que aquela coisa representa. Segundo Moscovici, “[...] a representação é um sistema de classificação, denotação e de alocação de categorias e nomes, em que cada objeto e ser devem possuir um valor positivo ou

negativo e um lugar em escala hierárquica” (2000, p. 62). A representação sempre simboliza alguma coisa. Então quando damos nomes às coisas elas se tornam familiares para nós. Com essa familiarização podemos falar sobre elas e sermos capazes de imaginá-las. No momento em que podemos falar sobre alguma coisa e comunicá-la somos capazes de reproduzi-la.

Assim, a representação social é o conjunto de ideias, valores e práticas compartilhadas em uma sociedade que constroem e interpretam o real. São os símbolos reconhecidos coletivamente que são elaborados e partilhados num país. É o conhecimento e a imagem que temos das coisas e dos fenômenos que existem em nossa sociedade. Segundo Moscovici (2000) a representação social estabelece a ordem e também possibilita a comunicação entre os membros da sociedade lhes fornecendo códigos para nomear os aspectos do mundo e da história individual e social. As explicações que temos sobre as coisas e o modo

como pensamos sobre os objetos e a figuras da sociedade constroem e interpretam a realidade em que vivemos.

Do mesmo modo, imagem que construímos de uma cidade ou de uma celebridade depende do modo como se apresenta. Ou seja, identificamos como é uma sociedade ou uma pessoa através do modo como esta é apresentada. Os meios de comunicação, por exemplo, têm a capacidade de representar como é a cultura, os hábitos e as características de um país. “As representações se tornam essenciais ao funcionamento da sociedade na produção social das ideias, por meio de elaborações discursivas que sancionam percepções sobre coisas, pessoas, ideias, estados e processos” (SOARES, 2009, p. 15, *apud* ROTHBERG, 2014, p. 411). Neste sentido a representação é como uma moldura, pois se apropria de um sentido e o vincula de uma dada perspectiva. A imagem do que está sendo apresentado vai ser mostrada de acordo com um ponto de vista. Ou

seja, o modo como vai ser apresentado depende de como está sendo falado.

Então o modo como algo será representado na mídia depende da maneira como é mostrado. Por exemplo, o jeito como falam em um jornal de determinado assunto está representando. Esta maneira de apresentar algo nos jornais é realizada através de técnicas como a angulação do texto. Esse ângulo pode determinar uma ideia e imagem da coisa que se está tratando. Assim, constrói o ponto de vista que o veículo jornalístico quer passar. A angulação no jornalismo se materializa pelos enquadramentos feitos no jornal. Na mídia esse jeito de como falar sobre determinada coisa é o que podemos chamar de *framing* ou enquadramento. "Os enquadramentos podem ser caracterizados como marcos interpretativos mais gerais construídos socialmente que permitem as pessoas fazer sentido dos eventos e das situações" (PORTO 2004, p. 78, *apud* ROTHBERG, 2014, p. 409). Assim, o

framing midiático de um assunto é a maneira como se está falando sobre ele em alguma mídia. Isto é, a forma como um assunto será tratado em um veículo jornalístico. Ou seja, é como uma temática vai ser angulada em um texto midiático.

Principalmente no jornalismo, é comum que diversos veículos jornalísticos noticiem o mesmo fato de formas diferentes. Isto é, com distintas abordagens sobre o mesmo caso. Assim, cada veículo tem um interesse próprio então a forma como determinado assunto será tratado corresponderá a esse interesse. É por causa disso que um assunto tem várias representações. No jornalismo, a modelagem dos enquadramentos e o contexto da angulação de um tema ocorrem pelo patrocínio dos múltiplos atores sociais que incluem políticos, organizações e movimentos sociais.

O jornalismo é capaz por construir a imagem desde elementos mais simples a complexos como, por exemplo, de uma

região. Ou seja, de representar como é esse lugar. Assim, os meios de comunicação podem passar uma visão positiva ou negativa de um determinado lugar ou pessoa através do ângulo que ele realiza. Também é capaz de criar e repetir ideias sobre grupos, lugares e coisas.

As representações da Amazônia

A imagem da Amazônia que a mídia transmite, na visão de Colferai (2009), repete uma visão estereotipada criada desde a colonização portuguesa. Os discursos que acionados sobre a região estão ligados à ideia de mistérios, de reservatório de recursos naturais e de índios selvagens. Assim, os meios de comunicação reapresentam estas narrativas míticas que cercam a região para representar como é a Amazônia. Ou seja, as mídias apenas reproduzem uma imagem estereotipada e excluem as pessoas que vivem nesta região.

Em boa medida responsáveis por uma imagem estereotipada da Amazônia, os meios de comunicação social têm papel

importante nas formas de ver a Amazônia, e na maneira como a Amazônia se vê. Se a Amazônia tem um povo heterogêneo, as narrativas sobre a Amazônia não o são. É assim que, enquanto os meios de comunicação social têm um discurso fora da região, nas suas entranhas outros se formam, na maior parte das vezes sendo eco de uma considerável parcela da população amazônica, e que vão de encontro aos discursos externos. (COLFERAI, 2009, p. 15)

Desde sempre a Amazônia é cercada de imagens estereotipadas criadas a partir dos discursos históricos e dos meios de comunicação que a apresentam apenas como uma floresta e não como um espaço em que vivem populações urbanas. E isso fez com que a região fosse vista apenas como um grande reservatório de recursos naturais. Um lugar repleto de natureza, de animais e de índios selvagens. A região também está cercada de discursos que lhe apresentam como um lugar cheio de mistérios e de riquezas.

A Amazônia é terreno fértil para mitos e histórias fantásticas, um lugar que sempre povoou os imaginários do mundo com imagens tão díspares como a do paraíso na terra e de um inferno verde. Desde os primeiros registros sobre a região, e mesmo antes da chegada dos europeus, a ideia de um paraíso terrestre, a fonte da



DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2526-8031.2020v4n2p202>

eterna juventude, das riquezas conseguidas sem esforço e lugar de monstruosidades, já povoava o universo do possível para navegadores – de marujos a almirantes – e daqueles que ficavam nas metrópoles do Velho Mundo. (COLFERAI, 2009, p. 12)

Assim, foi criada desde o tempo da colonização ibérica uma visão fantástica sobre a Amazônia. Isto é as narrativas míticas que cercam a região fizeram a construção da imagem do lugar como de algo fabuloso e esplêndido. Além disso, também temos uma imagem da Amazônia como uma terra prometida ou um paraíso. “[...] releituras de mitos, como as lendárias El Dourado e a Fonte da Juventude, e a ideia de que ali estava o ‘paraíso na terra’, se manteve, sob outras formas, até os nossos dias (COLFERAI, 2009, p. 13). E a Amazônia passou por grandes ciclos migratórios que ocorreram durante o tempo e, entre eles, os mais marcantes foram os ciclos da exploração da borracha nos séculos XIX e XX, a marcha para o Oeste no Estado Novo na década de 1940 e a colonização agrícola em 1980. Todos estes ciclos causaram um grande impacto nos modos de vida na

região, principalmente o mais recente, em que migrantes colonos criavam um espaço de plantio colocando a floresta abaixo, em evidente confronto entre a natureza e o homem. Além disso, também gerou conflitos entre as populações ribeirinhas e os colonos, pois, os indígenas e os seringueiros precisavam da floresta para sobreviver, ou seja, entre os modos de vida destas populações e dos migrantes colonos.

A partir daí, em função de mudanças do contexto socioeconômico, a região passou a ser vista, também, como lugar a ser explorado, uma terra que é vazia demograficamente. “É a ideia do vazio demográfico frequentemente reiterada como que para justificar a necessidade de ocupá-la, para garantir a integridade territorial” (GONÇALVES, 2001, p. 33), ou seja, construiu uma imagem da região como questão de soberania nacional. Ignorando assim a realidade das populações que a habitam.

Ignoram a existência das pessoas que vivem na região e rerepresentam as

populações ribeirinhas como selvagens e atrasadas. Então as narrativas que existem sobre a Amazônia não reconhecem a heterogeneidade das pessoas que vivem nessa região e as particularidades da sua sociedade. Esta exclusão do reconhecimento das populações amazônicas (2001) faz com que a Amazônia se torne alvo de conflitos internacionais e nacionais. Virando um cenário repleto de tensões que criam uma imagem de devastação, violência e exploração. “É esta imagem que vem ganhando o mundo através não só da imprensa (GONÇALVES, 2001, p. 13).

Segundo Gonçalves (2001) a imagem que temos da Amazônia é mais sobre a região do que da região. Formamos uma ideia do que a região seja baseada no ponto de vista das pessoas que vivem fora e não das que habitam a região. Nesse sentido construímos sua imagem através das visões sobre a região designadas pelos outros que não são seus habitantes. Na realidade existem várias imagens sobre a Amazônia, mas

não uma visão verdadeira do que ela seja. Pois, a Amazônia é um espaço que reuniu diferentes sujeitos sociais em diferentes contextos e a verdade deles não é a mesma.

Uma dessas Amazônia é a que se delinea em intersecção com o espaço ocupado pelo Estado de Rondônia. Trata-se de uma sociedade que teve um crescimento principalmente nas décadas de 1970 e 1980, quase exclusivamente em função de levadas migratórias oriundas das regiões Sul e Sudeste. “Pessoas com bases identitárias diferentes se encontraram num espaço diverso e estabeleceram as bases da nova sociedade” (COLFERAI, 2009, p. 17).

O estado é formado pela mistura da cultura dos colonos e das populações ribeirinhas, ou seja, é um estado constituído por culturas que são conflitantes entre si, mas que são complementares uma da outra, pois, são elas que formam a atual sociedade rondoniense. Segundo Colferai (2009), os ciclos migratórios que aconteceram no

estado trouxeram pessoas com culturas diferentes umas das outras. Os migrantes colonos vieram por parte da colonização, mas, já viviam na região os seringueiros, os ribeirinhos e as populações indígenas. O encontro destas populações acabou gerando conflitos, pois cada uma tinha uma relação diferente com a natureza. Os migrantes colonos eram extratores e derrubavam a floresta para praticar a agricultura. Já as outras populações sobreviviam dos recursos que a natureza proporcionava para eles.

E os conflitos efetivados durante o período de ocupação agrícola, em grande parte foram promovidos pela propaganda oficial do Estado brasileiro, que apresentava o território de Rondônia como um lugar vazio demograficamente e que precisava ser ocupado. Os migrantes que vieram na época estavam atrás de uma terra prometida. Ou seja, o governo ignorou totalmente a existência das populações ribeirinhas que já viviam no território. Esta exclusão acabou reforçando a imagem criada no tempo do

Brasil Colônia de que nos espaços amazônicos só existiam selvagens, natureza e animais (CEMIN, 1992; COLFERAI, 2009).

Então embora a política desenvolvimentista dos militares para a Amazônia tivesse como lema a ocupação dos vazios demográficos, a colonização, na verdade, apropriou-se de terras tribais, ou de terras cujos habitantes encontravam-se inseridos em sistemas econômicos baseados no extrativismo vegetal. Tratava-se de populações sustentadas pela manutenção das condições da primeira natureza. Portanto estes ciclos migratórios fizeram com que o estado se construísse através do conflito entre culturas. Ou seja, atualmente a cultura de Rondônia é o resultado do contraste destas populações (COLFERAI, 2009). O estado de Rondônia, sendo localizado no interior da Amazônia, tem a sua imagem relacionada a essas narrativas em volta da Amazônia. A mídia então lhe figura através dos ribeirinhos e dos indígenas (COLFERAI, 2009), mas, não

são somente estas populações que vivem no estado. Atualmente o estado de Rondônia é formado pelas populações ribeirinhas e migrantes colonos que vieram em busca de terras para morar através dos movimentos migratórios que teve no território do estado.

A imagem recorrente do que seja Rondônia e por extensão, a Amazônia, é de uma imensa extensão de terras de natureza pujante, praticamente indomável, onde sua população tradicional, mesmo a não indígena, é vista como atrasada. Tal região precisaria ser desenvolvida e tal desenvolvimento teria que vir de fora, de algum agente externo civilizador, já que essas populações não se mostrariam capazes de sair do seu estado de natureza e/ou atraso. (GONÇALVES, 2001, *apud* BUENO; INÁCIO FILHO, 2014 p. 312)

Ou seja, os rondonienses são representados como uma sociedade atrasada que pratica caça ou pesca e precisa dos recursos naturais para sobreviver. Representam também os indígenas como selvagens que usam arco e flechas. Além disso, a população rondoniense é mostrada como se vivesse num espaço cercado de matas e animais selvagens. Esta representação é uma das

visões externas que se tem da região Amazônica. Assim, é importante entender que a região Amazônica apresenta várias representações de si mesma. Ou seja, há várias visões do que é a Amazônia. Então a região não pode ser descrita com apenas uma visão e nem apresentada somente de um ponto de vista. Na realidade a região Amazônica é bem diversificada e complexa. Segundo Gonçalves, “há várias Amazônias na Amazônia” (2001, p. 10). Então não há uma verdade do que ela é, mas sim, várias ideias que representam o que a região Amazônica seja.

A Folha de São Paulo

A Folha de São Paulo é um jornal brasileiro editado na cidade de São Paulo e é o de maior em circulação no Brasil. Segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), em maio de 2018 o jornal possuía 326.573 assinantes (incluindo assinantes digitais). O jornal faz parte do grupo Folha que atualmente é formado pelo Agora São Paulo, pela

empresa de acesso à internet Universo Online (UOL), pela editora Publifolha, a agência de pesquisas Datafolha, além de outras empresas gráficas e de produção da notícia, como a Folhapress³.

Sob a direção de Otavio Frias Filho, a Folha de São Paulo se tornou o maior e mais influente jornal do Brasil. Em 1991 a Folha de São Paulo foi reorganizada em cadernos temáticos. Também se tornou pioneira no país em reunir correções na seção fixa *Erramos*, uma seção em que o jornal admite os erros que acabou cometendo em suas publicações. No ano de 1996, o Grupo Folha lançou o primeiro serviço online de grande porte no Brasil, o Universo On Line (UOL). Ainda neste ano houve a fusão do Universo On Line com o serviço *online* da Editora Abril, o

Brasil On Line, BOL. Após dois anos da criação da plataforma, a página recebia a visita de 80% dos usuários da internet do país.

Ao longo de sua trajetória da Folha de São Paulo consolidou o que pode ser chamado de *identidade Folha*: um jornalismo didático, pluralista, moderno na tecnologia e na linguagem. Mas, segundo Ribeiro (1994, p. 56, *apud* MOREIRA, 2006, p. 90), a Folha de São Paulo é ideologicamente flácida, ou, adaptada aos tempos e às preferências do público. Ou seja, a identidade do veículo é mais definida pelo momento. Assim, o jornal declara em sua linha editorial que é pluralista e apartidário (Projeto Folha), porém, autores das comunicações e estudos acadêmicos mostram divergências com o que o veículo diz e realiza na prática⁴.

³A história do Grupo Folha começa no dia 19 de fevereiro de 1921 quando foi fundada, em São Paulo, a Folha da Noite, um jornal essencialmente voltado para a classe média urbana que emergia de uma sociedade ainda baseada na monocultura do café. Este jornal era feito por um grupo de jornalistas liderado por Olival Costa e Pedro Cunha. Depois dele vieram os títulos Folha da Manhã (1925) e Folha da Tarde (1949). Algum tempo depois estes três jornais acabaram sendo fundidos em 1960 dando origem ao jornal Folha de São Paulo (PIRES, 2007).

⁴ O projeto folha eram os documentos divulgados periodicamente que traduziram as linhas editoriais do jornal. Implantado na redação através da coordenação de Carlos Eduardo Lins da Silva e Caio Túlio. Já o Manual da Redação é um conjunto de normas e compromissos assumidos pelo jornal. Sendo lançado em 1984 e atualizado

Por exemplo, Wandscheer (2008) apontou que o jornal nas coberturas das notícias sobre a violência somente relata a violência do caso em 31,07% (128) de suas publicações. Já 68,93% das matérias (284 das 412 matérias analisada) contextualizam os fatos, mas não mostram como estes casos iniciaram e nem se resolveram. Já Piovesan (2005) analisou da folha em coberturas políticas mostrando que apesar do jornal se declara independente e apartidário, demonstram apoio político nas matérias sobre o Presidente Lula. Estes estudos mostram como o jornal se posiciona diante dessas temáticas. Revelando que ele trabalha diferente do jeito que afirma.

Segundo Mello (1992, *apud* MOREIRA, 2006, p.92) a prática jornalística diária e o projeto editorial do jornal apresentam distorções. O seu estudo sobre os gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo aponta que no jornal há interferências políticas em seus editoriais, ausência de pluralidade e baixo uso de

entrevistas. Então estes apontamentos mostram que as práticas realizadas no jornal são totalmente contrárias a sua linha editorial.

Mato, índio e violência...

Há alguns adágios sobre Rondônia que são recorrentes, principalmente entre aqueles que moram no Estado. Um deles diz que "em Rondônia só tem mato e índio", enquanto outro apontam que, em função da ideia de grande e permanente violência, trata-se de "um Velho Oeste". Antecipando os resultados obtidos nesta pesquisa, estas percepções parecem ser reforçadas nas páginas da Folha de São Paulo. Na tabela abaixo estão listados os temas de maior presença considerando os dez anos em que foram buscadas notícias sobre Rondônia na Folha de São Paulo.

desde então. Foi o primeiro livro do gênero colocado à disposição do público (n.a.).

Ano	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total
Categorias												
Meio ambiente	25	7	12	5	5	2	23	12	6	6	2	105
Violência	5	6	3	10	3	6	6	2	7	10	7	65
Indígenas	1	4	1	0	2	0	0	3	1	2	2	16
Política	13	3	4	2	2	7	5	6	6	8	0	53
Diversos	25	17	20	55	44	28	32	19	9	14	12	275
Total	69	37	40	72	56	43	66	42	29	40	23	517

Quadro 1: Matérias sobre Rondônia na Folha de São Paulo

Fonte: dados da pesquisa

Na categoria *Meio ambiente* os principais assuntos abordados foram crimes ambientais como desmatamentos, exploração ilegal de madeira e garimpos ilegais. Também foram tratadas matérias sobre desastres naturais, como enchentes, e descobertas geológicas, como uma gruta de diamantes. A categoria *Violência* aborda matérias sobre assassinatos, brigas, agressões e casos de estupros. A categoria *Indígenas* mostra matérias sobre questões ligadas à cultura, ações da

Justiça para proteção aos povos indígenas e as manifestações realizadas por eles. A categoria *Política* mostra matérias em que os políticos estão envolvidos em fraudes nas campanhas eleitorais ou desviando verba pública. Também apresenta fatos em que eles fazem algo inusitado como trocar pintinhos e distribuir gasolinas com o objetivo de comprar de votos. Na categoria *Diversos* estão inseridas as publicações sobre diversas temáticas

diferentes como greves, vandalismos, educação, epidemias, casos inusitados e fatídicos. Também estão inclusas matérias que repercutem ou retomam temas já abordados anteriormente no jornal.

Importante destacar que não houve homogeneidade, ano a ano, na presença de temas sobre Rondônia na Folha de São Paulo. O ano em que se teve mais matérias publicadas foi 2011, com um total de 72 publicações. O segundo ano que destaca o estado é 2008 com 69 matérias. Em 2014 apresenta uma quantidade de 66 matérias e em 2012 tivemos 56 publicações. Já nos anos de 2009, 2010, 2013, 2015, 2016 e 2017 podemos observar uma queda da aparição de Rondônia no jornal.

A seguir passamos à análise de cada uma das categorias de temas.

Meio ambiente

No ano de 2008 a maioria das matérias sobre o meio ambiente abordavam o desmatamento e a exploração ilegal de madeiras. Mostrando

casos de madeiras ilegais fechadas e a prisão dos responsáveis. Listas da quantidade de áreas destruídas e rankings dos estados que mais desmataram naquele ano, sendo Rondônia o terceiro. Outras matérias falavam das medidas que os órgãos ambientais estavam adotando para resolver essas atividades ilegais no meio ambiente e sobre o rompimento de uma barragem de apertadinho em Vilhena que causou danos ambientais e a retirada preventiva de ao menos 200 famílias⁵(matéria publicada dia 11 de janeiro de 2008).

Já no ano de 2010 e 2015 a maioria dos assuntos que envolveram o meio ambiente foram descobertas consideradas históricas como, por exemplo, uma escavação que recuperou a ferrovia do diabo em 2010 (um patrimônio cultural da região) e crimes ambientais como garimpos ilegais. Estes

⁵ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1101200815.html>>. Acesso em: 17/06/2020.

dois anos abordaram vários casos similares sobre estes assuntos. Em 2015 também teve um fato diferente que foi repercutido, um pequeno terremoto que aconteceu no Peru e acabou sendo sentido em Rondônia e mais dois estados da região norte.

Também tivemos uma matéria sobre a descoberta de um túnel de preguiças gigantes extintas há milhares de anos na América do Sul. Este túnel foi encontrado em Ponta do Abunã no estado de Rondônia pelo serviço geológico do Brasil. Veja que essas descobertas mostram que em Rondônia podemos encontrar coisas raras.

Agora o ano de 2014 mostrou a temática somente em volta da grande enchente do rio madeira que ocorreu naquele ano. Todas as matérias desta categoria apresentavam as consequências e os estragos que essa enchente causou em Porto Velho (a capital de Rondônia) e em outros estados da região norte. Ou seja, foi feita uma grande cobertura jornalística sobre esse único assunto, e

isso fez com que o tema meio ambiente se destaca. De modo geral, os textos publicados sobre essa temática apresentam matérias sobre desmatamentos, crimes ambientais, medidas de preservação ambiental e dados sobre queimadas. É possível perceber que a maioria das matérias é tratada de forma negativa.

Um bom exemplo disso é a matéria com o título "Exploração ilegal de diamantes se expande em Rondônia"⁶(Matéria publicada em dezembro de 2016). Essa matéria é sobre o garimpo ilegal de diamantes na terra indígena Sete de Setembro, localizada entre os Estados de Rondônia e Mato Grosso. Os marcadores textuais "exploração", "diamantes" e "expande" transmite a ideia de destruição. Na frase "a região é considerada uma das maiores jazidas do mundo" as palavras "maiores", "jazidas" e

⁶ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2016/12/1842783-exploracao-ilegal-diamante-se-expande-em-rondoniashtml>>. Acesso em: 17/06/2020.

“mundo” transmitem uma ideia de riqueza.

Então temos apresentada a imagem do confronto entre homem x natureza. Essa imagem está envolta das narrativas existentes sobre os espaços amazônicos. Ou seja, o jornal apresenta a visão estereotipada dos espaços amazônicos como um recurso natural a ser explorado. Nesta categoria a Folha de São Paulo representa Rondônia como um lugar cheio de riquezas naturais que sofre destruição e depredação do meio ambiente.

Violência

De modo geral, esse tema possui 65 aparições dentro do recorte deste trabalho. No ano de 2008 colonos fizeram nove pessoas de reféns em estrada por causa da apreensão de equipamentos usados em derrubadas irregulares. Em 2010 e 2012 tivemos casos de agressões e assassinato de uma trabalhadora rural. No ano de 2011 noticiaram uma briga entre dois funcionários da usina de Jirau

que causou incêndio e destruiu o canteiro de obras. Já em 2016 teve o caso de uma rebelião na Penitenciária Ênio dos Santos Pinheiro, em Porto Velho (RO) que causou a morte de oito presos. Além da rebelião tivemos um caso em que um ginecologista estuprou 15 pacientes e outro que um procurador agrediu a esposa. Também tivemos nesse ano uma agressão causada por universitários durante trote da faculdade.

Em 2017 tivemos a maioria das matérias sobre assassinatos de ativistas e de ataques a indígenas. Em 2018 teve registros de ataque a Ongs ambientais e do assassinato de um caminhoneiro por manifestantes durante a greve dos caminhoneiros daquele ano. Já nos anos de 2009, 2013 e 2014 teve publicações sobre um ataque ao indígena que vive isolado em Rondônia e o assassinato de um soldado militar em uma área de preservação. Também teve matérias sobre um tiroteio entre a polícia militar e assaltantes em Porto Velho que deixou oito pessoas mortas. Além de matérias

falando das ameaças de morte que quilombolas sofrem e que os ativistas recebem de pistoleiros.

Perceba que Rondônia é apresentado como um lugar de conflitos violentos. Um exemplo disso é o caso do assassinato de uma trabalhadora rural que era extrativista, que fazia parte do Plano de Desenvolvimento Sustentável (PDS) e denunciava extrações de madeiras ilegais. O título da matéria é "Trabalhadora rural de 27 anos é morta em área de conflito em RO⁷ (Matéria publicada em abril de 2014).

Repare que os marcadores textuais "área" e "conflito" transmitem a ideia de um confronto existente no estado. Já na frase "A polícia suspeita que a morte esteja relacionada ao conflito entre extrativistas e madeireiros na região". As palavras "entre", "extrativistas" e "madeireiros" revelam que em Rondônia existe um confronto entre pessoas que

vivem do que a natureza oferece (extrativistas) e de pessoas que destroem a natureza (os madeireiros). Ou seja, a matéria constrói a ideia do homem contra o homem devido a suas divergências de viver, pois existe um conflito entre o modo que cada um deles vive da natureza. Enquanto que as palavras "morte", "relacionada" e "conflitos" mostram que a causa do assassinato foi devido a esse confronto do modo de viver.

Ao longo da matéria são citados brevemente casos de assassinatos de líderes sem terras e de extrativistas que aconteceram na região norte e no estado ao longo dos anos. Mostra que a casa da trabalhadora rural havia sido incendiada algum tempo antes do assassinato. Também é informado que o nome da trabalhadora não estava na lista de proteção da comissão pastoral da terra (CPT) que ajudam e protegem os líderes sem terras e os extrativistas. As outras matérias como vimos também mostram algum conflito violento envolvendo algo

⁷ Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/1072031-trabalhadora-rural-de-27-anos-e-morta-em-area-de-conflito-em-ro.shtml> >. Acesso em: 17/06/2020.

que causou mortes ou grandes ferimentos. Ou seja, nesta categoria o estado de Rondônia está sendo representado como um estado violento.

É importante destacar que os casos violentos em que mais houve mortes eram por conflitos de terras e por lutas contra o desmatamento, sendo a maioria dos assassinatos entre indígenas, madeireiros, ativistas e trabalhadores rurais.

Indígenas

Em 2008 e 2010 temos matérias sobre a Funai e outras entidades que lutam pela proteção dos índios buscando garantir a preservação de suas áreas. No ano de 2009 apresentam matérias em que os índios suruí buscam resgatar a cultura que perderam após o contato com o homem branco. No ano de 2012 os índios bloquearam uma ponte em Ji Paraná em protesto contra a portaria da Advocacia Geral da União que é responsável pelas demarcações de terras. Sendo o único

assunto falado naquele ano nessa categoria.

Já em 2015 e 2016 apareceram publicações que valorizam a cultura indígena como a de uma mostra que reúne cerâmicas de indígenas, artesões, designers e artistas, descrevendo o processo como elas são feitas. Em 2017 apareceu uma matéria onde o Ministério Público Federal advertia a Fundação Nacional do Índio (Funai) sobre um possível genocídio de indígenas em Rondônia após a invasão de madeireiros e criadores de gado. Já em 2018 foi registrada a descoberta de um indígena que vive isolado há vinte e dois anos em Rondônia, sendo ele o último sobrevivente da sua etnia.

É possível perceber que as matérias sobre os indígenas aparecem envolta de algum risco, de conflito violento ou eles estão em confronto com algo. Também apresenta os órgãos de proteção indígenas em confronto para garantirem seus direitos. Nesta categoria temos uma imagem dos indígenas como

vítimas que precisam ser protegidos ou estão lutando por algo que vão perder. A categoria, apesar de mostrar pequenas quantidades de matérias durante os anos pesquisados, revela que o jornal não está preocupado em tratar das populações que vivem no estado.

Política

Em 2008 tivemos vários casos de crimes eleitorais que incluíram ameaças a eleitores e realizações de boca de urna, resultando em prisões, condenações e indeferimento de candidaturas. Já em 2009, 2010 e 2014 tivemos casos de uso do dinheiro público em campanhas eleitorais, fraudes e prisões por corrupção passiva. Já em 2011 e 2012 houve casos de prisões por desvio de dinheiro da saúde pública e acusações em campanhas eleitorais. Nas publicações de 2013 e 2017 tivemos registros de nepotismo políticos, investigações de desvios de verbas e políticos afastados de cargos por corrupção. Nos anos de 2015 e 2016 houve matérias sobre políticos sendo processados e investigados por propinas.

Também tivemos muitas aplicadas aos partidos políticos por sujarem as ruas durante as eleições. É possível observar que todos os casos sobre a política de Rondônia estão relacionados a assuntos negativos. Estes conjuntos de matérias formam uma imagem ruim sobre a política do estado.

Um exemplo é a matéria de uma vereadora de Porto Velho que distribuiu gasolina em troca de votos na eleição em 2008⁸ (matéria publicada em 4 de outubro de 2008). Esta matéria é apresentada como algo curioso e é tratada de forma irônica pelo jornal. É possível perceber isso na frase "servidores receberam do coordenador da campanha da candidata um vale de dez litros de gasolina, acompanhado de vários 'santinhos' de Moraes". As palavras "acompanhado", "vários" e "santinhos" dão um sentido irônico para frase. Ao decorrer do texto também encontramos

⁸ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2008/10/452211-justica-cassa-candidatura-de-vereadora-por-dar-combustivel-em-ro.shtml>>. Acesso em: 17/06/2020.

outros termos irônicos. Desse modo as matérias mostram Rondônia como um lugar cheio de políticos que estão envolvidos em vários esquemas corruptos, ou seja, Rondônia é apresentado como um estado corrupto.

Diversos

A categoria *Diversos* é a que mais se destacou nas matérias ao longo destes dez anos. Nesta categoria estão inseridas as publicações sobre temáticas diferentes como greves, vandalismos, educação, epidemias, casos inusitados e fatídicos. Nos anos de 2008 e 2009 apareceram casos fatídicos como um acidente de trânsito entre um caminhão de combustível e um ônibus que matou quinze pessoas e o desabamento de parte do teto do Shopping de Porto Velho que deixou cinco pessoas feridas.

Em 2010 e 2013 tivemos uma grande cobertura sobre as usinas de Jirau e Santo Antônio. Incluindo fatos como greves, acidentes, indenizações, abandono da obra, demissões de

trabalhadores e atos de vandalismo pelos funcionários da obra em forma de protesto. Também teve um caso de um bebê abandonado no lixão de Porto Velho e uma menina morta por ataque de jacaré. No ano de 2011 as matérias publicadas na folha de São Paulo faziam uma grande cobertura em volta de dois assuntos: a greve que ocorreu contra o reitor da Universidade Federal de Rondônia (Unir) e os problemas na obra da Usina de Jirau. Estes dois assuntos geraram uma grande repercussão no jornal e foram relacionados a diversas temáticas. Cada um desses casos apresentou diversas matérias suíte. Em 2012 também tivemos vários fatos com suítes envolvendo a usina de Jirau como greves e vandalismos.

Já em 2014 a categoria teve várias matérias relacionadas à grande cheia do rio Madeira. Naquele ano vários fatos inusitados ocorreram por causa dessa enchente como uma mulher dando à luz em um abrigo improvisado e pessoas sendo transportadas para hospitais de



DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2526-8031.2020v4n2p202>

avião, pois, as ambulâncias estavam ilhadas. Também teve publicações sobre problemas jurídicos com as usinas de Jirau e de Santo Antônio como prejuízos e multas que a paralização das obras gerou. Além disso, houve uma pequena cobertura sobre um jogo de futebol entre os times Vilhena e Palmeiras.

Em 2015 e 2016 aparecem alguns fatos inusitados como por exemplo, uma mula fazendo exames de Raio X em um hospital do município de Colorado do Oeste. Também houve uma rebelião dos presos contra a comida no presídio de Vilhena, que ficou conhecida como revolta do torresmo. Também saiu uma matéria sobre Rondônia ter sancionado uma lei que autorizava o abate de cerca de 5.000 búfalos. Já os anos de 2017 e 2018 apresentam fatos curiosos, como um canadense que estava desaparecido há cinco anos e foi encontrado e cuidado em Rondônia. Além de uma nota de repúdio contra o show que a cantora Anitta realizou na cidade de Cacoal.

Durante a análise percebemos que 96% das matérias publicadas na categoria diversos são suítes de fatos que aconteceram durante o ano em que a matéria foi publicada ou são fatos novos sobre algum assunto que foi abordado em muitos anos anteriores no jornal. Um exemplo é sobre uma chacina que aconteceu no presídio Urso branco em Porto Velho em 2002. Na análise encontramos no ano de 2010 matérias apresentando a resolução desse caso.

A partir disso, é possível perceber que todas as temáticas relacionam Rondônia a algum tipo de conflito e acabam por construir uma imagem de que o estado está sempre em conflito com algo. Como por exemplo, a greve realizada em 2011 pelos estudantes da Universidade Federal de Rondônia (Unir) em Porto Velho contra o reitor da época por falta de estrutura na universidade. O título é "Em greve, estudantes da Federal de Rondônia pedem saída do reitor". (Matéria publicada em novembro de 2011.) Os marcadores textuais "Em greve",

“saída” e “reitor” apresentam a ideia de um confronto entre eles, sendo um confronto não físico, mas de insatisfação⁹.

Basicamente as matérias apresentadas relatam conflitos entre pessoas ou das pessoas contra a natureza. Também possuem conflitos de um grupo contra algo ou alguém de forma não física, mas em modo de protesto e judicialmente. Desse modo a Folha de São Paulo digital representa Rondônia como um estado cheio de conflitos, seja através da violência, da política, do meio ambiente ou qualquer assunto.

Considerações finais

Ao cabo das análises é possível destacar que a Folha de São Paulo reforça a visão estereotipada sobre os espaços amazônicos como portadores de recursos naturais, de fronteira do espaço nacional e um lugar de conflitos. Os resultados da

pesquisa apontam a presença da narrativa estereotipada dos espaços amazônicos como um recurso natural a ser explorado que, ao mesmo tempo que é repleto de riquezas sofre depredação em função da exploração desordenada. Temos presente nas matérias a visão externa da Amazônia, de que nos falam Gonçalves (2001) e Colferai (2009).

Rondônia, como apresentada pela Folha de São Paulo entre 2008 e 2018, é lugar de conflitos, independente do grau de violência envolvida, ao ponto de ser possível inferir que esta é a imagem preferencial de Rondônia, e por extensão da Amazônia, presentes na Folha de São Paulo. O jornal também apresenta essas novas imagens que vem preenchendo os meios midiáticos.

Na análise temática vimos que o jornal apresenta um grande número de matérias que envolvem diversas temáticas, mas ainda que tenha sido possível identificá-las, há a predominância de dois aspectos mais gerais: a *natureza* e a *violência*, esta

⁹ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/saber/1000567-em-greve-estudantes-da-federal-de-rondonia-pedem-saida-do-reitor.shtml>>. Acesso em: 17/06/2020.

podendo ser compartimentada em agressões dos mais diferentes níveis, até a violência étnica. Trata-se, evidentemente, de uma ideia de conflito, já presentes nas primeiras narrativas sobre a Amazônia. E, do mesmo modo, da narrativa própria dos espaços reconhecidos como fronteiriços. É assim que, nas páginas da Folha de São Paulo, Rondônia, assim como a Amazônia, se constitui em uma fronteira interna do Brasil, um espaço limítrofe entre o espaço civilizatório nacional e um espaço outro, o do natural, do selvagem, do conflituoso.

Referências

- BUENO, J. L. P.; INÁCIO FILHO, L. Imagens da grande mídia impressa sobre Rondônia: do eldorado inacabado ao progresso do local da esperança. **Revista Labirinto**, Porto Velho-RO, Vol. 20, p. 304-321, 2014.
- CEMIN, A. B. **Colonização e Natureza: análise da relação social do homem com a natureza na colonização agrícola de Rondônia**. Dissertação de mestrado – Sociologia. Porto Alegre: UFRGS, 1992. (mimeo.)
- COLFERAI, S. A. **Jornalismo e identidade na Amazônia**: as práticas culturais legitimadas no jornal Diário da Amazônia como representações identitárias de Rondônia. 2009. 198 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- COLFERAI, S. A. PESQUISA NA AMAZÔNIA: notas históricas para a produção de conhecimento comunicacional. **Revista Observatório**, v. 5, n. 2, p. 153-173, 1 abr. 2019.
- COLFERAI, S. A.; NICOLIELO, N. **POLÍTICOS E IMIGRANTES: os primeiros anos da imprensa em Vilhena-Rondônia (1975-1950)**. **Revista Observatório**, v. 2, n. 5, p. 57-92, 25 dez. 2016.
- FLORENCIO, F. J. S. O. **Depois de todo esse tempo? Sempre**. Um estudo de interações e experiências estéticas de fãs brasileiros e belgas a saga Harry Potter. 2018. 206 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, 2018.
- GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- MOREIRA, F. B. **Os valores-notícia no jornalismo impresso: Análise das 'características substantivas' das notícias nos jornais Folha de São Paulo, o Estado de São Paulo e o Globo**. 2006.154f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e



DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2526-8031.2020v4n2p202>

Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Junho, 2006.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 2003.

PIOVESAN, G. C. **Interdiscursividade nos cadernos de turismo impressos: estudo de caso da Folha de S. Paulo e do Jornal da Cidade.** 2005. 240f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, fevereiro, 2005.

PIRES, E. M. **Imprensa, ditadura e democracia: a construção da autoimagem dos jornais do grupo folha (1978/2004).** **Projeto História**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. São Paulo, n. 35, p. 305-313, dez. 2007.

ROSSETTO, G. P. N ; SILVA, A. M. **Agenda-setting e Framing: Detalhes de uma mesma teoria?.** **Intexto.** Porto Alegre, n. 26, p. 98-114, jul. 2012.

ROTHBERG, D. **Enquadramentos midiáticos e sua influência sobre a consolidação de direitos de crianças e adolescentes.** **Opinião Pública**, Campinas, vol. 20, n. 3, p. 407-424, dez. 2014.

WANDSCHEER, L. **Análise da cobertura jornalística do crime organizado nos jornais Folha de São Paulo e O Globo**

com base no jornalismo para a paz. 2008. 160f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.